
Na casa das onças: xamanismo e performance na antropologia de E. Jean Langdon

Dans la maison des jaguars : chamanisme et performance dans l'anthropologie de E. Jean Langdon

To the jaguars' house: Shamanism and performance in the anthropology of E. Jean Langdon

Laura Pérez Gil e Luciana Hartmann



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/jsa/21623>

DOI: 10.4000/jsa.21623

ISSN: 1957-7842

Editora

Société des américanistes

Edição impressa

Data de publicação: 20 julho 2023

Paginação: 239-262

ISSN: 0037-9174

Refêrencia eletrónica

Laura Pérez Gil et Luciana Hartmann, « Na casa das onças: xamanismo e performance na antropologia de E. Jean Langdon », *Journal de la Société des américanistes* [En ligne], 109-1 | 2023, mis en ligne le 24 juillet 2023, consulté le 27 septembre 2023. URL : <http://journals.openedition.org/jsa/21623> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/jsa.21623>



Creative Commons - Attribution - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International - CC BY-SA 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

Na casa das onças: xamanismo e performance na antropologia de E. Jean Langdon

Laura PÉREZ GIL e Luciana HARTMANN *

Criada e formada em antropologia nos Estados Unidos, Esther Jean Langdon tem uma profunda experiência de trabalho de campo com os Siona na Amazônia colombiana e atua profissionalmente, há quatro décadas, na Universidade Federal de Santa Catarina, no sul do Brasil. Percorremos, no texto, a produção intelectual da autora, destacando as ressonâncias entre os assuntos em torno dos quais se articula a sua obra: saúde indígena, xamanismo e performance. A partir desse percurso, apontamos os conceitos principais—prática, dialogicidade e emergência—que caracterizam as suas contribuições teóricas e etnográficas. [Palavras-chave: Esther Jean Langdon, Siona, xamanismo, saúde indígena, estudos da performance, antropólogos.]

Dans la maison des jaguars : chamanisme et performance dans l'anthropologie de E. Jean Langdon. Élevée et formée à l'anthropologie aux États-Unis, Esther Jean Langdon a réalisé un long travail de terrain ethnographique chez les Siona (Tukano occidentaux) d'Amazonie colombienne et enseigne depuis quatre décennies à l'Université Fédéral de Santa Catarina (Brésil). Cet article propose de parcourir et d'analyser sa production intellectuelle en mettant l'accent sur les résonances entre les thématiques autour desquelles son œuvre s'articule : les questions de santé chez les Amérindiens, le chamanisme et la performance. En examinant ce parcours, nous nous penchons sur les principaux concepts qui sous-tendent ses contributions ethnographiques et théoriques : la pratique, la dialogicité et l'émergence. [Mots-clés : Esther Jean Langdon, Siona, chamanisme, santé des peuples amérindiens, études de performance, femmes anthropologues.]

To the jaguars' house: Shamanism and performance in the anthropology of E. Jean Langdon. Raised and educated in the United States, Esther Jean Langdon conducted intensive field research among the Siona (Western Tukanoan), in the Colombian Amazon and has worked, for the last four decades, at the Universidade Federal de Santa Catarina, in the south of Brazil. In this article, we look over her intellectual

* L. PÉREZ GIL: Departamento de Historia y Antropología de América, H^a Medieval y C. Historiográficas, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España [laurapgil@ucm.es]; L. HARTMANN: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil [lucianahartmann@unb.br].

production and emphasize resonances among the subjects around which her work is articulated: indigenous health, shamanism, and performance. From these considerations, we highlight the main concepts—practice, dialogicity and emergence—that characterize her theoretical and ethnographical contributions. [Keywords: Esther Jean Langdon, Siona, shamanism, indigenous health, performance studies, antropólogas.]

A trajetória profissional de Esther Jean Matteson Langdon, que se encontra atualmente em um dos seus momentos mais prolíficos, já se estende por seis décadas e transcorreu de costa a costa das Américas: nos Estados Unidos, onde se formou e teve suas primeiras experiências como pesquisadora; no México e na Costa Rica, onde fez as suas primeiras pesquisas etnográficas fora do país natal; na Colômbia, onde realizou trabalho de campo por vários anos junto aos Siona e para onde retorna regularmente; e finalmente no Brasil, onde se radicou na década de 1980 e consolidou seu percurso como pesquisadora, docente e participante nos debates públicos e acadêmicos sobre as políticas públicas de saúde indígena e sobre o campo da antropologia da performance. Iremos nos debruçar sobre esse percurso ao longo do texto, procurando não reduzi-lo a seus aspectos acadêmicos, senão mostrando como estes estão entrelaçados com outros sentidos vitais e experienciais que marcam o que para ela é ser antropóloga. Separar ambas as dimensões não é apenas improdutivo mas, sobretudo, contraprodutivo. A trajetória e a produção intelectual de Jean Langdon estão atravessadas por entendimentos afetivos e éticos que transparecem nas relações com colegas e orientandas/os, nas decisões tomadas ao longo da sua vida, nos engajamentos político-intelectuais assumidos e nas análises que desenvolve no amplo leque de temáticas a que se dedica.

Na introdução a uma coletânea sobre sentimentos e afetividade entre as sociedades ameríndias, Manuel Gutiérrez e Alexandre Surrallés defendem que o afetivo deve ser considerado não meramente como um tema a ser estudado entre outros, mas como um método. Isto implica que “[...] o próprio do social é o afetivo, e as instituições que os coletivos constroem ou destroem ou, melhor dizendo, que com a sua ação geram ou dissolvem, são o resultado da forma coletiva que tomam os estados anímicos” (Gutiérrez Estévez e Surrallés 2015, p. 16, tradução nossa). Considerando que as trajetórias profissionais e intelectuais se inserem em marcos histórico-sociais específicos, entendemos que as relações intersubjetivas estão entremeadas de uma afetividade que constitui um dos motores do mundo acadêmico em todas as suas dimensões.

A reflexão que aqui propomos deve ser entendida a partir desta perspectiva. Ambas as autoras do texto, colegas e amigas, fomos orientadas no mestrado e no doutorado por Jean Langdon, e escrevemos este texto com base na admiração e no afeto, e também dimensionando o impacto que a sua influência intelectual teve em nossa produção e na forma como entendemos o que é fazer antropologia e ser antropólogas. Acreditamos que nossa relação continuada

com Jean, que se estende já por algumas décadas, bem como o fato de sermos mulheres antropólogas atuando como professoras e pesquisadoras em diferentes universidades brasileiras, nos conferem uma posição privilegiada para refletir sobre o impacto de suas pesquisas na história da antropologia sul-americana.

Dividimos este texto em quatro partes. Na primeira, relatamos sua trajetória, a partir do que Jean escreveu e das nossas conversas com ela, colocando o foco no que a levou a se tornar antropóloga e na experiência de trabalho de campo que, de acordo com suas próprias palavras, marcou sua vida para sempre (Langdon 2013a, p. 218). Posteriormente, abordamos dois dos temas que constituíram os principais eixos de produção da autora e que correspondem, respectivamente, às nossas próprias trajetórias. Um deles articula aspectos sobre saúde indígena e xamanismo. O outro abrange questões sobre performance, narrativas e ritual. Certamente, entre ambos os eixos existe uma continuidade que se refere tanto a uma sucessão temática—no sentido que certos assuntos levaram a outros—, quanto à centralidade de determinados conceitos analíticos-chave. Assim, apesar de uma aparente heterogeneidade, a obra de Jean Langdon apresenta uma coerência temática e teórica significativa. Inicialmente, suas pesquisas e seus escritos estão voltados para a questão da saúde indígena e isto a leva a adentrar no xamanismo como uma forma de abordar as concepções sionas sobre saúde e doença. No marco desse esforço, e como estratégia para aprender a língua, ela começa a registrar e traduzir narrativas, muitas delas associadas ao xamanismo. Será uma nova abordagem sobre essas narrativas, por meio da etnografia da fala, o que a leva posteriormente, na década de 1990, a desenvolver trabalhos na área da antropologia da performance. Mas é importante salientar que em nenhum caso se trata de esferas estanques. Muitas das reflexões desenvolvidas na área da performance reverberam em reflexões posteriores sobre saúde e xamanismo, e vice-versa. Determinados conceitos-chave em sua obra, como prática, dialogicidade e emergência, operam como vasos comunicantes entre essas esferas, dando coerência ao conjunto da sua obra. Finalmente, para concluir o texto, faremos um balanço salientando determinados princípios e conceitos teóricos que consideramos essenciais para entender a trajetória intelectual, etnográfica e política da autora.

Trajetória—tornar-se antropóloga

Jean nasceu em 1º de setembro de 1944 na região das Montanhas Rochosas, no estado de Colorado, Estados Unidos, em uma família de classe média urbana, com tradição de educação superior para as mulheres desde o início do século xx. Ela descreve as mulheres da sua família, com orgulho, como “pioneiras”. A sua avó, por exemplo, fez mestrado em psicologia na Universidade de Denver. Seu pai era filho de um fazendeiro (*farmer*), no Meio-Oeste, que foi professor na

escola agrária da Universidade de Missouri. Destacam-se entre suas lembranças as muitas histórias que a sua avó costumava contar sobre o pai dela, o bisavô de Jean, John Dare Howland (1843-1914), um aventureiro que fazia comércio de peles de animais com os Sioux. Mais do que comerciante, John Howland foi um artista. Nos seis anos que viveu com os Sioux pintou seus retratos e costumes. O antropólogo John Dawsey, em uma homenagem feita a Jean no 40º Encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), realizado em 2016, comenta sobre esse ancestral que compôs o imaginário dela na infância:

[...] se vestia em *buck skin*, uma roupa feita com peles de animais. Por meio de suas pinturas ele fez um retrato vivo dos Sioux Indians no momento em que corriam risco de desaparecimento. Jean cresceu numa casa com muitas pinturas do povo indígena retratado por seu bisavô. Desde a adolescência ela queria morar com os índios. Não para ensinar. Ela queria aprender com eles. (Zea et al. 2023, p. 475)

Esse desejo de aprender com os indígenas, despertado pelas narrativas sobre o avô, ganhou sequência na escola. Em entrevista concedida a nós¹, Jean mencionou que no Colorado, nos anos 1950, era mais comum o estudo da América Latina do que da Europa. Com 11 anos ela estudou os Astecas. No mesmo período apresentou um trabalho escolar sobre o mate argentino. Encantou-se por esses temas, pelas culturas e pelo idioma. Decidiu aprender espanhol. Naquele momento começava a trajetória da antropóloga que viria a trabalhar com os Siona, da Colômbia, por mais de cinquenta anos.

A aventura implicada no fazer trabalho de campo foi certamente uma motivação para escolher o caminho da antropologia. Ela lembra da explicação de um professor de sociologia: “a diferença entre antropólogo e sociólogo é que antropólogo não leva geladeira para o campo”. E continua: “Eu era aventureira, combinava comigo. Aí fui para fazer antropologia”. Mas, salienta, não foi apenas a fascinação por outras culturas o que a levou para a antropologia. Fazendo uma reflexão sobre determinados momentos da sua infância e adolescência, considera que um aspecto fundamental para o caminho vital que empreenderia anos depois foi uma “mudança de lente” causada pela percepção de que existia uma distância entre o que as pessoas falavam que pensavam e faziam, e o que ela vivenciava em relação aos mesmos fatos. Isto a levou a querer indagar sobre o que há no comportamento das pessoas para além do que é explicitado. É como se essa descoberta operasse uma espécie de choque cultural que a leva a perceber o caráter construído e convencional da cultura ou, em termos wagnerianos, um primeiro passo para “inventar a cultura” (Wagner 2010 [1975]) dos que estão à sua volta.

1. Entrevista realizada de forma remota no dia 07/12/2021.

A formação universitária de Jean Langdon se inicia numa pequena universidade de Minnesota e continua na universidade de Washington, no mestrado, e posteriormente em Tulane (New Orleans), onde realiza o doutorado sob a orientação de John L. Fischer (Langdon 2013a). Na graduação participa durante um ano (1964-1965) de um programa de estudos independentes no Tropical Science Center da Costa Rica, onde realiza investigações sobre reforma agrária (Downing e Matteson 1965). Embora sua dissertação de mestrado tenha sido teórica, sobre políticas públicas na Tanzânia (Langdon 1968), durante o primeiro ano de mestrado realiza pesquisa de campo no oeste do estado de Washington entre boias-frias mexicanos, em parceria com seu esposo à época, Thomas Langdon (Langdon e Langdon 1968a), com quem teve dois filhos. Durante esse período ela recebe grande influência de Melville Jacobs, linguista e aluno de Boas, que a motivou a continuar os estudos de literatura oral. Entre o mestrado e o doutorado ela e o esposo passam dois meses no México investigando sobre trabalhadores migrantes em Tlaxcala (Langdon e Langdon 1968b).

As pesquisas não faziam parte apenas de um processo formativo, mas eram também a oportunidade para obter bolsas com as quais viabilizar os estudos. A partir do casamento, Jean usará o sobrenome do marido para assinar os trabalhos próprios. Esta e outras questões das interseções de casamento e vida profissional apontam para aspectos que vão para além do pessoal e revelam a perspectiva androcêntrica das instituições. Por exemplo, apesar de ser Jean quem falava espanhol e quem tinha maior experiência de trabalho de campo, a bolsa para realizar a pesquisa do México foi dada a Thomas e não a ela.

Em relação à pesquisa de doutorado, o casal decide tomar caminhos diferentes, embora ambos realizem trabalho de campo com povos indígenas de língua tukano. Enquanto Jean fez pesquisa entre os Siona (Tukano ocidentais), entre 1970 e 1974, Thomas o fará entre os Barasana e os Taiwano (Tukano orientais), entre 1971 e 1973. Após concluído o doutorado (Langdon 1974; Langdon T. 1975)², os dois trabalham como professores substitutos na City University of New York (CUNY), e dois anos depois obtêm uma vaga compartilhada na faculdade feminina Cedar Crest College, também em Nova York. Tratava-se de um experimento, resultado das lutas feministas da época, que tinha o objetivo de facilitar a conciliação da vida familiar e promover um acesso mais igualitário das mulheres ao universo universitário. Apesar de considerar a experiência positiva, Jean se traslada definitivamente ao Brasil em 1983, logo após a separação do casal, atendendo a um convite para atuar

2. Embora a tese de Jean (1974) não tenha sido publicada na época da defesa, o seria anos depois, por uma editora colombiana, em uma versão revisada e traduzida ao espanhol (Langdon 2014). A publicação na Colômbia respondia ao desejo de tornar suas pesquisas facilmente disponíveis aos Siona e aos pesquisadores colombianos. Poucos anos depois, publicou pela mesma editora colombiana a versão em inglês (Langdon 2017).

como professora visitante no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A proposta ocorreu no contexto da recente implantação da pós-graduação em antropologia nesta universidade—o mestrado foi criado em 1979—e a necessidade de fortalecê-la como um centro de ensino de qualidade. Para tanto, pesquisadores como Paul Leslie Aspelin, Tom Muller, Denis Werner e Alcida Rita Ramos foram convidados em anos sucessivos como professores visitantes (Coelho dos Santos 2006, p. 59-60). Embora inicialmente a proposta estivesse limitada a dois anos, Jean foi muito bem recebida no plano profissional e encontrou no jovem departamento um espaço mais incentivador do que nos Estados Unidos. Dessa forma, quando surgiu a possibilidade de se instalar de maneira permanente, decidiu fazê-lo. Na época, alguns dos professores e professoras de antropologia na UFSC eram Sílvio Coelho dos Santos, Anamaria Beck, Denis Werner, Rafael de Menezes Bastos, Aneliese Nacke, Neusa Bloemer e Luiz Carlos Halfpap.

Vivendo em Florianópolis desde então, a casa de Jean, com sua imponente paisagem de mar, mata, ilhas e pores-de-sol inesquecíveis, é um espaço que durante décadas vem acolhendo pesquisadores/as, amigos/as e alunos/as vindos dos mais diversos países. Apesar de ter se aposentado em 2014, ela continua dando aula e orientando trabalhos de mestrado e doutorado, sendo procurada por numerosos estudantes.

Da saúde indígena ao xamanismo

O trabalho de campo fundamental na obra de Jean é aquele realizado com os Siona e, mais concretamente, na comunidade de Buenavista, no médio Putumayo (Colômbia). O estudo principal ocorreu entre 1970 e 1974, seguindo o modelo etnográfico malinowskiano de observação participante. Nos anos seguintes, realizou quatro visitas a Buenavista, uma em 1980, uma em 1985 e duas em 1992. Ela descreve esta última como triste, devido à destruição do meio ambiente provocada por empresas petroleiras e às novas e estranhas doenças que estavam surgindo entre as crianças (Langdon 2007c). Em função da violência armada que invadiu a selva colombiana e que afetou diretamente os Siona, só consegue retornar em 2013. Entre as vítimas dos paramilitares se encontram o filho e o neto de seu principal interlocutor, Ricardo Yaiguaje, ambos chamados Florentino (e conhecidos como Floro), com os quais Jean tinha fortes laços afetivos, além do afilhado de Jean, Ibis Maniguaje, recrutado pelas FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) aos 14 anos. A presença dos interlocutores, homens e mulheres siona, como Aurelio Maniguaje, Macaria Yaiguaje, Rosa Aida Maniguaje, Luis Paiyoguaje ou Francisco “Pacho” Piaguaje—cuja trajetória é objeto de análise em seus textos recentes sobre as transformações do xamanismo siona (Langdon 2009b, 2016)—, Felinto Piaguaje—com quem trabalhou em 2012 sobre os textos que ele tinha coletado e escrito para adequá-los a uma publicação escolar



Fig. 1 – Esther Jean Langdon, Ricardo Yaiguaje e Dolores Lucitante (sua esposa)
(foto: Jean Langdon, 1970)

(Langdon 2014, p. 16-19)—, é constante na obra de Jean. Contudo, um lugar de destaque é, sem dúvida, destinado a Ricardo, com quem a interação intelectual e afetiva foi especialmente intensa (Langdon 1994, 2002, 2004a).

A oportunidade de fazer o trabalho de campo na Colômbia foi possibilitada pela bolsa de estudos concedida pelo Centro Internacional de Investigações Médicas da Universidade de Tulane/Universidad del Valle (Langdon 2013a, p. 220). Esta circunstância influenciou a sua entrada no campo dos estudos de saúde indígena. Como ela mesma explica na introdução da sua tese, recentemente publicada, o objetivo original da pesquisa era entender “a lógica da relação entre o diagnóstico e a doença por parte da família e a escolha do tratamento” (Langdon 2014, p. 15). Assim, visitava sistematicamente as famílias da comunidade de Buenavista, onde chegou pela primeira vez em 9 de setembro de 1970, acompanhando de perto os casos de adoecimento e tratando de desvelar o sistema

de etnoclassificação, à moda da antropologia cognitiva da época. O objetivo se revelou inatingível, no sentido de que não se adequava à forma como os Siona pensavam e tratavam as doenças. Eles estavam mais preocupados com as intencionalidades causais e as subjetividades do que com as categorias que organizam as doenças. A exploração das explicações, reflexões e elucubrações sobre o adoecer foi o que levou Jean a adentrar a cosmologia e as práticas xamânicas (Langdon 2014).

Por outro lado, com a perspectiva fornecida por cinquenta anos de trabalho de campo e prática profissional, Jean explica que foi na interação com os Siona, dialogando com eles e aceitando seus ensinamentos, que ela foi descartando não apenas os objetivos iniciais da pesquisa, mas também diversos conceitos apreendidos nos anos de estudo, tais como “cultura”—enquanto um todo objetificado, de fronteiras fechadas e estático—, ou “aculturação” (Langdon 2007c, p. 29, 35). A perspectiva adotada por Langdon em relação à saúde-doença privilegia análises processuais, com um foco nas práticas concretas e nas negociações. Em *Saúde & Povos Indígenas*, uma das primeiras coletâneas de enfoque multidisciplinar publicadas no Brasil sobre saúde indígena, lançada em 1974, Langdon contribuiu com um texto etnográfico no qual aplicava o conceito teórico-metodológico de “itinerário terapêutico”, mostrando como as interpretações sobre a doença e as práticas de cura próprias e alheias são articuladas por parte dos Siona (Langdon 1994). Dois aspectos se destacam na sua análise: de um lado, as concepções sobre os processos de saúde e doença estão profundamente ancoradas no xamanismo; de outro, os Siona operam a partir de uma atitude fundamentalmente pragmática, utilizando os recursos disponíveis, incluindo os da biomedicina. Este tipo de abordagem, no qual se dá primazia aos modos indígenas de conceituar a saúde e a doença, às negociações que ocorrem ao longo do processo para definir interpretações e adotar tratamentos, e à natureza intensamente pragmática das ações, irá se consolidando em trabalhos posteriores.

Podemos diferenciar duas vias paralelas, embora intercomunicadas, na abordagem de Langdon sobre a saúde indígena. Uma delas deriva de explorar as implicações da intermedicalidade³, isto é, da interação dos povos indígenas com os sistemas públicos de saúde, mostrando como os primeiros se apropriam de práticas e noções da biomedicina e os indigenizam (Sahlins 1997). Neste plano da saúde indígena, a autora reivindica o papel crítico e reflexivo dos antropólogos e das antropólogas para avançar no desenvolvimento de uma saúde diferenciada enquanto política pública, bem como enfatiza a importância de uma formação específica para profissionais de saúde que trabalham com povos indígenas (Langdon 2004b). Nesse sentido, ela mesma participou em diversas disciplinas

3. Noção tomada de Greene (1998) e Follér (2004), e que se torna chave entre o grupo de pesquisadores norteador por Jean e formalizado por meio do NESSI.

e escreveu textos voltados a esses profissionais, mantendo um diálogo fluido com os departamentos das áreas de saúde na UFSC e de outras universidades.

No que se refere às políticas públicas em saúde indígena, Jean Langdon se engaja em vários momentos da sua trajetória em processos de reflexão coletiva, seja política ou acadêmica, para promover um sistema público diferenciado e eficaz destinado às populações indígenas. Certamente, uma referência significativa desse compromisso com fazer uma antropologia “relevante”, como ela insiste, foi a sua participação na I Conferência Nacional de Proteção da Saúde do Índio no marco da 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986 e que constitui um momento crucial na definição do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS). Foi este um acontecimento histórico, às vésperas do reconhecimento do direito universal à saúde na Constituição de 1988, no qual se estabeleceram as diretrizes para um sistema diferenciado de saúde para as populações indígenas que viria a ser consolidado com o desenvolvimento do SUS. Os textos dos participantes na I Conferência, incluindo o de Jean (Langdon 1988), foram publicados em um número especial da revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde dedicado à saúde das populações indígenas.

Desde a sua instalação em Florianópolis, essa dimensão engajada da sua produção intelectual passou a ter um caráter coletivo e não pode ser desligada do Núcleo de Estudos sobre Saúde e Saberes Indígenas (NESSI), iniciado em 1987, registrado no diretório do CNPq, e formado por orientandos/as, ex-orientandos/as e diversos/as colaboradores/as. Trata-se de um núcleo de clara vocação interdisciplinar, no qual atuam pesquisadores/as que transitam entre a antropologia, a sociologia e diversas ciências da saúde, como Farmácia, Saúde Coletiva ou Nutrição. As pesquisas elaboradas pelos membros do núcleo, muitas delas sobre povos indígenas no sul do Brasil, como os Guarani ou os Xokleng, não se limitaram a análises etnográficas sobre a área de saúde indígena, mas se desenvolveram com vocação de contribuir ativamente com a implementação das políticas diferenciadas de saúde para os povos indígenas no Brasil e na América Latina e a reflexão sobre esses processos (Diehl e Langdon 2015, 2018; Langdon e Diehl 2007). Vários dos trabalhos mais significativos de Jean sobre o tema têm um certo caráter programático e analisam o campo da saúde indígena desde um ponto de vista tanto antropológico como político (Langdon e Cardoso [orgs.] 2015; Langdon e Diehl 2020; Langdon e Follér 2012; Langdon, Follér e Maluf 2012; Langdon e Garnelo [orgs.] 2004). Cabe destacar que muitos dos pesquisadores e pesquisadoras do NESSI passaram a integrar ou atuaram ativamente como assessores em instituições públicas, projetos nacionais ou internacionais e ONGs voltados para a implementação das políticas públicas em saúde indígena.

A segunda via à qual nos referimos acima, muito mais focada no material siona, é relativa às concepções nativas sobre os processos de saúde e doença.

Para além do pragmatismo mencionado, cabe ressaltar a centralidade dada à doença como processo simbólico—ou seja, com sentidos culturais particulares—e como experiência (Langdon 2001). Por meio das narrativas, muitas das quais relatam eventos xamânicos do passado, os Siona orientam sua experiência da doença, assim como as decisões que devem ser tomadas para superá-la. As inspirações teóricas de Langdon nas suas análises aludem à sua formação no marco da antropologia americana. Clifford Geertz, e a noção de sistema cultural, Byron Good, Arthur Kleinman ou Victor Turner são autores frequentemente mobilizados em seus textos e aulas.

A abordagem de noções sobre doença e cura entre os Siona a leva, necessariamente, a adentrar no xamanismo. As descrições sobre cosmologia, sobre a relação entre as pessoas e os espíritos *wati*, e as análises dos rituais de *yagé* (ayahuasca), por exemplo, se tornam temas recorrentes nos seus escritos. Além disso, ela realizou uma coleta intensiva de narrativas que se tornaram uma fonte fundamental para explorar o xamanismo siona e que foram uma das portas para o campo da performance. A importância do aspecto linguístico na sua pesquisa não pode ser desligada da sua formação clássica norte-americana, no marco da qual, além de antropologia cultural, estudou arqueologia, antropologia física e linguística.

Em relação às contribuições de Jean no campo do xamanismo indígena, para além da riqueza e da profundidade da sua etnografia, cabe destacar a organização de duas coletâneas, na década de 1990, que refletem avanços inovadores na concepção do xamanismo e que se tornaram referência: *Portals of Power*, organizada junto com Gerhard Baer em 1992 (Langdon e Baer [orgs.] 1992), e *Xamanismo no Brasil*, publicado em 1996 em Florianópolis (Langdon [org.] 1996). Trata-se, em ambos os casos, de coletâneas que exploram os xamanismos indígenas em sua diversidade e como sistemas em transformação, sem se atrelar a definições fechadas, sem cair em visões tradicionalistas e estáticas, e sem eludir as mudanças históricas. A influência do conceito de sistema cultural de Geertz que pode se perceber, ainda, na introdução da segunda coletânea, será diluída em publicações posteriores, nas quais as dimensões dialógicas e a agência indígena nos processos de transformação são destacadas, sendo rejeitada uma noção de cultura internamente homogênea e com limites definidos (Langdon 2007c, p. 29).

Os trabalhos escritos em parceria com sua orientanda Isabel Santana de Rose parecem intensificar a reflexão sobre os processos contemporâneos de transformação dos xamanismos indígenas. Elas descrevem e analisam a apropriação da ayahuasca por parte dos Mbya Guarani no sul do Brasil. Abordam essa inovação como produto de um diálogo entre diferentes agentes, indígenas e não indígenas, num contexto em que os Guarani estabelecem diversas alianças como modo específico de relação com os não indígenas, sendo o xamanismo um campo privilegiado para tanto (Langdon e Rose 2012a e b). Esses trabalhos, escritos

logo antes do retorno à Colômbia, têm ressonâncias em textos posteriores sobre o xamanismo siona.

Como mencionamos anteriormente, ao longo de vinte anos Jean não pôde voltar à Colômbia em função do conflito armado. Em 2011, entretanto, ela consegue retomar o contato com os Siona e em 2013 viaja novamente ao Putumayo (Langdon 2014, p. 20-21). A situação com a qual se encontra nessa volta é profundamente diferente, mas a desestabilização que experimenta ante as transformações profundas é aproveitada para revisar produtivamente seus escritos antigos e para abordar o xamanismo não mais como um “sistema cultural” à Geertz, mas como um fenômeno dialógico e emergente (Langdon 2009b). Aqui o diálogo é descrito como um movimento que ocorre em vários sentidos: entre humanos e não humanos, entre os xamãs que configuram as redes na contemporaneidade, entre os indígenas e seus parceiros, incluindo os antropólogos; por seu lado, o termo “emergente” é usado no sentido de que o xamanismo se configura e reconfigura a partir desses múltiplos diálogos, mesmo mantendo uma continuidade com o conhecimento xamânico tradicional (Langdon 2016; Langdon, Laffay e Maniguaje-Yaiguaje 2021). Vale notar como os conceitos de dialogicidade e emergência vão ganhando importância cada vez maior na trajetória de Langdon.

Uma das questões frequentemente abordadas por Jean nesses escritos é a emergência contemporânea de xamãs siona, que se tornam visíveis nos cenários nacional e internacional, situação esta que contrasta com a ausência de verdadeiros mestres xamãs (*caciques curaca*), conforme se lamentavam seus interlocutores na época em que fez trabalho de campo na década de 1970, e que ela tinha caracterizado (Langdon 2007c, 2016), emprestando uma expressão cunhada por Brunelli (1996), como um “xamanismo sem xamãs”.

As análises mais recentes sobre o xamanismo não se limitam, porém, aos processos de revitalização num marco de valorização e proliferação de propostas *new age*. Esses escritos evidenciam a importância do xamanismo como estratégia de resistência e resiliência em face da violência bélica e econômica nas últimas décadas, mas também ao longo de todo o período colonial (Langdon 2016; Langdon, Laffay e Maniguaje-Yaiguaje 2021). A relação entre o xamanismo e a violência—bélica, meio ambiental, cultural, xamânica—sofrida pelos povos indígenas é, de fato, uma das preocupações político-intelectuais mais recentes de Jean, como se pode notar nos temas de dois grupos de trabalho organizados recentemente por ela em congressos internacionais⁴.

4. “Shamanic Praxis and Forms of Violence in Contemporary Amazonia” e “Configuraciones de la violencia y del conflicto en Espacios Periféricos”, ambos organizados junto com Anne-Marie Losonczy e que fizeram parte das reuniões da SALSA (The Society for the Anthropology of Lowland South America) que ocorreram, respectivamente, em Lima, em 2017, e em Viena, em 2019.

Oralidade e performance

A pesquisa de longa duração com os Siona, amparada em uma escuta ampla e profunda de suas narrativas, portanto, vem marcando a trajetória de Jean. Se, por um lado, esta escuta contribuiu e segue contribuindo na compreensão do sistema xamânico siona e, numa perspectiva mais ampla, na elaboração de políticas públicas relacionadas à saúde indígena e no desenvolvimento do campo da Antropologia da Saúde, por outro lado, também tem sido fundamental na consolidação da Antropologia da Performance na América Latina. Na busca por entender as dinâmicas da interação sociocultural siona, as pesquisas de Jean sobre xamanismo, rito, cosmologia e cura passaram a explorar a perspectiva da arte verbal, adotando um olhar sobre as performances de seus interlocutores, no sentido de valorizar todos os elementos poéticos, simbólicos, corporais e multissensoriais envolvidos no contexto de interação.

As narrativas siona atravessam todo o trabalho de Jean. Inicialmente aparecem como uma forma de aproximação com o idioma, porém logo se apresentam como aspecto fundamental para a compreensão do sistema xamânico e da vida social como um todo. Linguagem e práticas discursivas informam, entre outras coisas, sobre mito, aprendizagem xamânica e também sobre disputas pelo poder e pela liderança. Desta forma, o próprio lugar da linguagem na construção de sua história e de suas identidades presentes e passadas é investigado. Foi na análise desses processos interativos que emergiu o conceito de dialogicidade, uma das marcas do trabalho de Jean. Depreende-se da leitura de suas obras que grande parte dos eventos de fala siona é contada por meio de diálogos que expressam as maneiras pelas quais os conflitos são revelados e negociados. Em artigo de 2007, por exemplo, desenvolvido a partir de uma narrativa contada em 1972 por Aurélio Maniguaje, um Siona à época com cerca de 50 anos, compreendemos que, assim como diversas outras sociedades indígenas da região Amazônica, os Siona têm suas próprias versões para os violentos encontros coloniais com os europeus, diferentes daquelas escritas por missionários, comerciantes e aventureiros. Ao contrário de histórias centradas em eventos de caráter geral, descritos numa linearidade temporal, as narrativas siona são eventos “centrados na fala” (*speech centered*), ou seja, são apresentadas em forma de diálogos entre diferentes atores que participaram do conflito. Fazendo uso, em suas performances orais, da fala citada (*reported speech*), os Siona revelam “pontos de vista diferentes, agência emocional, motivações e metas especiais, como também mudanças na subjetividade” (Langdon 2007a, p. 26-27).

Assim como as histórias dos Siona são dialogadas, os textos de Jean, de alguma forma, também são. Entre seus principais interlocutores, como já mencionamos, está Ricardo Yaiguaje, com aproximadamente 70 anos à época da pesquisa, filho de um poderoso xamã da região na primeira metade do século xx, que lhe contou mais de uma centena de narrativas sobre experiências xamânicas,

suas, de seu pai e de outros xamãs. Ele, porém, não chega a se tornar xamã, ou “onça”⁵, devido a uma série de experiências aterrorizantes causadas por feitiçaria. No entanto, o poder das palavras *em performance* de Ricardo, transcritas da oralidade para a escrita no idioma nativo e traduzidas para o português, o espanhol e o inglês, é captado nos escritos de Jean, exercendo, por meio de estratégias estéticas, um papel pedagógico, permitindo que se compreenda como ocorrem as experiências de aprendizagem xamânica no contexto siona.

Esses diálogos se iniciam desde a primeira visita exploratória de Jean junto aos Siona, em 1970. Quando ela chega, a comunidade travava uma batalha para conseguir proporcionar educação formal às crianças. Depois de verem os recursos destinados à escola serem desviados, Aurélio organizou *mingas* (mutirões) e por meio destas construíram uma escola de palma lascada e telhado de palha, materiais tradicionais de suas habitações, e cada pai construiu escrivaninhas e bancos para suas crianças. Faltava, no entanto, um/a professor/a. Convencida por Aurélio, Jean começa seu trabalho de campo dando aulas para quarenta crianças indígenas, com idades entre 8 e 18 anos. Ela conta que nos vinte e dois anos de contato com Aurélio, ele nunca deixou de lembrar deste fato (Langdon 2007a).

Elemento etnográfico fundamental, as narrativas siona ganham nova abordagem quando Jean retorna da pesquisa de campo e se encontra com Richard Bauman e seu enfoque da arte verbal como performance (Bauman 1977). Nessa abordagem, a ênfase é dada à análise das narrativas *em performance*, ou seja, ao próprio ato de contar, em contexto, no qual o tempo e o espaço do contador se encontram com o tempo e o espaço da audiência, promovendo uma interação, um diálogo e uma troca de experiências que seriam a própria “cultura em emergência”. Outro diferencial da abordagem de Jean está na indissociabilidade que é estabelecida entre as narrativas e o corpo—entendido, em diálogo com Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro (1987), como matriz simbólica que ocupa uma posição central entre os grupos indígenas sul-americanos. O conceito de *dau*, símbolo-chave para compreender a cosmologia xamânica siona, talvez seja o melhor exemplo desta correlação: ele é simultaneamente narrado e vivido pelos xamãs. O *dau* é um tipo de poder incorporado mediante a ingestão do yagé, permitindo aos xamãs a capacidade de se transformarem e de visitarem outros planos cosmológicos. Complexo e multívoco, o *dau* tanto dá poder ao

5. Entre os Siona, antigamente quase todos os homens adultos adquiriam um certo grau de conhecimento xamânico, existindo diferentes categorias em função do nível alcançado. Aquele que atinge o grau mais alto pode ser designado com diversos termos, entre os quais o de onça, *yai*. No espanhol da região, ele é denominado *curaca*, apontando para a estreita relação entre poder político e xamânico. A onça é um dos animais em que o *curaca* pode se transformar (Langdon 2014). Como explica Jean, os xamãs “têm os poderes de transformação e suas formas mais frequentes no outro lado são a onça, nas regiões da selva, ou a anaconda, no rio.” (Langdon 2013b, p. 23).

xamã, distinguindo-o dos demais seres humanos, como o torna mais frágil e vulnerável, exigindo a observação de determinadas restrições (Langdon 1992, 1995, 2018). A observação e o diálogo sobre esses processos junto aos Siona aproximaram a abordagem de Jean dos estudos da performance. Em certo sentido, poderíamos dizer que as análises sobre *dau* operam uma espécie de dobradiça que permite passar da linguagem para a performance, já que as narrativas siona que explicam sobre o *dau* apontam para uma corporalidade que é condição de possibilidade da ação xamânica, evidenciado assim essa conexão íntima entre o narrado e o vivido.

Para compreender essa aproximação também é importante considerar que Jean foi fortemente influenciada pela abordagem boasiana. Segundo ela, na entrevista supramencionada: “nessa tradição de Boas, rejeito teoria, tudo é etnografia”. Na mesma entrevista ela lembra que Melville Jacobs (1959), seu professor e aluno de Boas, foi um dos primeiros antropólogos a pensar o mito não como literatura, mas como teatro, ou seja, a perspectiva de abordagem do mito e do rito como (ou *em*) performance já estava presente no seu repertório.

Esse movimento em direção aos estudos da performance, um campo marcadamente transdisciplinar, a levou a participar, em 1995, de um encontro emblemático com colegas da sociologia, das artes visuais, do cinema, do teatro e da dança: o I Seminário Nacional sobre Performáticos, Performance e Sociedade, que aconteceu na Universidade de Brasília. Este Seminário, que reuniu artistas e pesquisadores da performance brasileiros em uma programação que não se limitava a conferências e mesas redondas, mas também contava com diversas atividades práticas, como manifestações performáticas e *workshops*, alavancou o “*performative turn*” no país. O evento gerou o livro *Performáticos, Performance e Sociedade*, publicado em 1996, que se tornou um marco nos estudos da performance no Brasil. O capítulo com o qual Jean contribuiu, intitulado “Performance e preocupações pós-modernas na Antropologia” (Langdon 1996), foi a semente de um debate que se adensou nos anos seguintes e que a colocou como uma das mais proeminentes pensadoras da Antropologia da Performance no país.

Como ela aponta neste texto e em outros que se seguiram (Langdon 1999, 2007d, 2009a), no Brasil, em linhas gerais, o campo da antropologia da performance é marcado por dois paradigmas: a “vida social como dramaturgia”, ou como drama social, cujas principais inspirações são Erving Goffman, Victor Turner, Clifford Geertz e Richard Schechner, e a “performance como evento”, mais voltada para a análise de performances narrativas, com foco na etnografia da fala, marcada pelas obras de Dell Hymes, Richard Bauman, Charles Briggs e Dennis Tedlock. A primeira corrente foi a que entrou primeiro e com mais força no universo acadêmico brasileiro, sobretudo em função da tradução das obras de Geertz e de Turner no Brasil, assim como da visita deste último ao Rio de Janeiro no final da década de 1970, e do retorno de pesquisadores de

seus estágios no exterior, onde muitos estudaram com Schechner na NYU (Hartmann e Langdon 2020; Langdon 2009a). A segunda corrente passou a ser impulsionada, desde o final dos anos 1990, pelas publicações de artigos de Jean, pela formação oferecida por ela em cursos intitulados “Do ritual à performance”, na Graduação e na Pós-Graduação da UFSC, e pela consequente dedicação de estudantes de mestrado e doutorado ao tema⁶. Esse processo ganhou mais força com a criação do GESTO—Grupo de Estudos em Oralidade e Performance, liderado por Jean na UFSC, registrado no Diretório do CNPq em 2005, e com a tradução de alguns dos artigos de Bauman para o português, como o já clássico “Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social” (Bauman e Briggs 2006), que foi introduzido pelo artigo “Performance e sua diversidade como paradigma analítico” (Langdon 2007b). A leitura do artigo de Bauman e Briggs contribui para a compreensão do papel que o conceito de emergência vai ocupando na obra de Jean. O processo de análise do texto em contexto (não mais em termos normativos, convencionais e institucionais), no qual o próprio etnógrafo deve também se incluir, é chamado por Bauman e Briggs de contextualização: “um processo ativo de negociação no qual participantes examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala.” (Bauman e Briggs 2006, p. 201).

O GESTO continua ativo e foi responsável pela realização de quatro edições do Colóquio “Antropologias em Performance” em 2009, 2012, 2015 e 2018⁷. Os eventos possibilitaram, entre outras coisas, a vinda de Richard Bauman pela primeira vez ao Brasil, em 2009, e o fortalecimento de redes com John Dawsey e o NAPEPRA—Núcleo de Performance e Drama, da Universidade de São Paulo, e com Paulo Raposo, da Universidade de Lisboa. Este último foi responsável pela organização do evento *No Performance's Land*, em 2011, em Lisboa, Portugal, que contou com a participação de artistas e pesquisadores de diversos países, combinando conferências e *performances*, e posteriormente deu origem ao livro *A Terra do Não-Lugar: diálogos entre antropologia e performance* (Raposo et al. [orgs.] 2013). Jean participa do livro com um capítulo no qual retoma o exame da relação entre xamanismo, performance e experiência entre os Siona (Langdon 2013b).

Ao observar a trajetória de Jean, percebe-se que é a experiência etnográfica com os Siona e, mais do que isso, o diálogo e o envolvimento profundo com a comunidade ao longo de mais de cinquenta anos que transformam suas análises

6. Dentre estes podemos citar os trabalhos de Neves (2005), Pellegrini (2008) e Gorham (2011), entre outros.

7. Em 2021 estava prevista a realização da 5ª edição do Colóquio, porém esta teve de ser adiada em função da pandemia de Covid-19 e da absoluta falta de financiamento público para a realização de eventos na área de artes e humanidades.

e alimentam novas perspectivas teóricas. Na prática etnográfica ela aprende uma pedagogia local que envolve fala, pensamento (*ro'ta*) e audição/escuta (*'aca-*). Podemos pensar na influência que essa pedagogia exerce em sua própria atuação docente. O livro *Rituais e Performances—iniciações em pesquisa de campo*, organizado com Everton Pereira⁸ (Langdon e Pereira [orgs.] 2012), é um exemplo disto. A obra é resultante de experiências de pesquisa de campo desenvolvidas por alunos de Graduação do Curso de Ciências Sociais da UFSC, entre os anos de 2008 e 2009, na disciplina Do Rito à Performance. Jean abre o livro com um capítulo no qual defende a centralidade do rito no mundo contemporâneo (Langdon 2012).

Nos últimos anos Jean vem desenvolvendo um importante trabalho, em colaboração com os Siona, de recuperação dos registros de áudio que realizou nos anos 1970, por meio de sua digitalização. Impedida de conviver diretamente com os Siona durante quase duas décadas, devido aos conflitos armados na região, a partir de 2013 ela vem retornando ao Putumayo e, com o apoio da comunidade, tem realizado, entre outras coisas, uma série de oficinas (*talleres*) voltadas para a transcrição, a tradução e a digitalização das narrativas registradas por ela décadas atrás⁹. Esse processo de revitalização das narrativas foi registrado em formato audiovisual e deu origem ao vídeo *Taller de Bain Coca con el Pueblo Siona del Putumayo* (2015), dirigido por seu filho, o cineasta e artista plástico Alan Langdon¹⁰, ou seja, as perspectivas estética, ética e política permanecem conjugadas em sua atuação ao longo dos anos.

Ressonâncias entre xamanismo e performance

Se numa perspectiva superficial poderia parecer que o trabalho de Jean se “divide” entre antropologia da saúde e antropologia da performance, basta olharmos mais detidamente para seus textos para percebermos que há uma forte correlação permanentemente estabelecida entre os dois campos. Isto está explicitado em um artigo recente, no qual ela defende o xamanismo siona como um

8. Everton Pereira era então orientando de doutorado. Hoje atua como professor no Departamento de Saúde Coletiva na Universidade de Brasília.

9. Os desafios e os diferentes entendimentos desse empreendimento coletivo são debatidos por ela no artigo “Language documentation and revitalization among the Siona of the Putumayo, Colombia: the potential of digitization for the social life of ethnographic material” (Langdon 2020b), no qual problematiza como a digitalização fixa, descontextualiza e recontextualiza a literatura oral e como os povos indígenas identificam seu patrimônio cultural e lutam pela defesa de seus direitos.

10. O vídeo pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=cBtjW59SWAw>, acessado em 30/05/23. Além deste documentário, Jean também participou da produção dos vídeos “A Festa de Artesanato dos Xokleng de Ibirama - SC” (2004) e “A Festa do Kiki” (1997).

gênero performativo e como performance cultural que expressa a diferenciação étnica do grupo em face da violência colonial e pós-colonial (Langdon 2020a).

Paralelamente às publicações sobre o sistema médico siona, que têm início com sua tese de doutorado, já em seus primeiros textos percebe-se um interesse, também, nas questões de gênero, não apenas voltado para a realidade etnográfica estudada, como também às discriminações e violências sofridas pelas mulheres no âmbito familiar e universitário (Langdon 1985a e b, 1991, 1993). Embora as relações de gênero não permaneçam especialmente enfatizadas em sua obra, é possível constatar em sua atuação profissional uma busca por maior equilíbrio na distribuição de recursos e de poder político/acadêmico às mulheres. Isto pode ser percebido, por exemplo, no Instituto Brasil Plural, presidido por Jean com apoio de um Comitê Gestor composto por cinco mulheres, configurando-se como um dos poucos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) da área de Ciências Humanas com mulheres na liderança¹¹.

Ao longo do texto salientamos as reverberações e as ressonâncias teóricas e etnográficas que existem entre os trabalhos sobre saúde indígena e xamanismo e aqueles sobre performance. No nosso entender, essas conexões são operadas principalmente por meio de três conceitos-chave que marcam a sua abordagem teórica e que, apesar de estarem presentes desde o início da sua obra, vão se consolidando e ficando mais explícitos ao longo da sua trajetória. Trata-se de três noções internamente conectadas que formam uma espécie de tripé, tendo cada uma delas alguns desdobramentos. São elas: prática, dialogicidade e emergência.

O conceito de prática tem um duplo sentido na obra de Jean: o da praxiologia e o da praticidade. Em primeiro lugar, nas descrições etnográficas e nas interpretações há uma constante referência ao plano das ações concretas e observáveis dos seus interlocutores. Ela reivindica, nesse sentido, a sua tradição boasiana: “tudo é etnografia”, ela afirma. Observar e descrever as ações é uma forma privilegiada para se aproximar de como seus interlocutores estão no mundo e pensam sobre ele. Certamente, há ressonâncias, neste aspecto, com vários autores que são referências centrais nos seus escritos, como Geertz ou Turner, e que enfatizam uma abordagem processual e praxiológica da realidade. Mas a práxis social deve ser sempre nuançada e interpretada a partir do diálogo com os sujeitos das ações.

11. O IBP se consolidou a partir de 2009 por meio do Programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT), que contou com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Desenvolve um programa integrado de pesquisa, entre universidades do Sul, do Norte e do Centro-Oeste do Brasil, que visa retratar, a partir de uma perspectiva antropológica, diferentes realidades e contribuir com a elaboração de políticas públicas e com a formação de profissionais. Maiores informações podem ser encontradas em <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/>, acessado em 30/05/23.



Fig. 2 – Jean mostrando fotos de Luis Felinto Piaguaje para sua família em visita após seu falecimento. Com: Pedro Piaguaje, Norman Piaguaje, Susana Otavalo e filhos (foto: Tom Laffay, 2022)

O segundo sentido da prática se refere à sua finalidade: a produção antropológica deve obedecer a objetivos concretos voltados para ajudar a que as condições de existência das pessoas com as quais se pesquisa melhorem. O fazer antropológico deve ter uma orientação ética tanto no seu conteúdo quanto na sua finalidade: não se trata de um exercício meramente intelectual, senão que deve ter “relevância”, conforme ela o expressa. Na entrevista realizada recentemente, ela explicava que quando saía da biblioteca, durante a escrita do doutorado, pensava sempre: “eu não quero fazer isso apenas para mim”. Este aspecto de seu engajamento fica especialmente explícito na participação que tem em numerosos fóruns de discussão sobre saúde indígena e em vários dos seus escritos sobre este tema. Por outro lado, seu retorno nos últimos anos para a Colômbia tem como motivação principal devolver para os Siona o material coletado durante a pesquisa, mesmo que eles não partilhem da mesma perspectiva que ela sobre esse material. Afinal de contas, a relevância da pesquisa não é definida pela pesquisadora, mas emerge no diálogo. Uma das grandes diferenças, segundo ela, da antropologia em relação à sociologia e à filosofia é que o fazer antropológico está baseado na escuta do outro. Neste sentido, é interessante constatar como os conceitos de dialogicidade e emergência aparecem plenamente imbricados com o de práxis.

Essa escuta, por sua vez, está na base do conceito de dialogicidade acionado por Jean, ou seja, ele surge na prática, na interação. É a partir dessa interação com seus interlocutores, especialmente com os Siona, que ela vai modificando

suas orientações teóricas e de pesquisa, e revisitando antigas interpretações à luz de experiências recentes. Outro aspecto da dimensão do dialógico se revela nos escritos sobre performance. Presente na obra de Bakhtin e evocado por Bauman e Briggs, o conceito permite aceder aos aspectos poéticos (estéticos) e políticos da performance em seus contextos específicos. O narrar dialogado revela, assim, estratégias narrativas peculiares, pontos de vista diferentes, agência emocional, motivações e finalidades que podem ser compartilhadas ou díspares.

Finalmente, na confluência dos conceitos, podemos inferir que, na obra de Jean, no exercício da prática etnográfica, pela escuta e por meio dos diálogos que perfazem as interações comunicativas, ocorre a emergência de significados: “A análise performática procura descobrir quais são os gêneros reconhecidos e realizados pelos membros de um grupo, como estes gêneros são estruturados nos atos performáticos e como seus significados emergem da interação.” (Langdon 2007b, p. 11). Cada evento é único e o que podemos apreender da “cultura”, portanto, é algo que emerge de forma efêmera, instável, fluida, profundamente relacional e contextual. É na performance dos textos em contextos que se pode perceber o que, de um evento particular, emerge do contexto político, econômico e sociocultural mais amplo.

Nestes três conceitos se configura, entrelaçadamente, a maneira de Jean Langdon—também chamada afetivamente pelos Siona de Doña Juanita—praticar, narrar e viver a antropologia. Retomando os textos e as conversas com Jean, não podemos deixar de notar convergências entre seu modo de fazer e pensar a antropologia e as narrativas siona de aprendizagem xamânica que ela transcreve e analisa em seus escritos. Da mesma forma que a visita à casa das onças narrada por Ricardo Yaiguaje como parte da sua experiência iniciática na senda desafiadora do xamanismo (Langdon 2013b), a relação antropológica de Jean com os Siona pode ser entendida como uma “experiência extraordinária” que envolve não apenas desenvolvimento profissional e aquisição de conhecimento, mas também uma transformação mais profunda e vital através da comunicação afetiva, aberta e respeitosa com o esses Outros que, no processo, se tornaram familiares.

Para finalizar, recorremos à espirituosa fala do colega John Dawsey na já citada homenagem feita no 40º Encontro da ANPOCS, em 2016: “Caso o bisavô de Jean Langdon, o pintor de fronteira, fizesse um retrato da bisneta, o título do retrato poderia ser: Jean Langdon, uma antropóloga de verdade.” *

* Manuscrit reçu en mai 2022, accepté pour publication en mars 2023.

Referências citadas

- BAUMAN Richard
1977 *Verbal Art as Performance*, Newbury House Publishers, Rowley (MA).
- BAUMAN Richard e Charles BRIGGS
2006 “Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social”, *Ilha. Revista de Antropologia*, 8 (1-2), p. 185-229.
- BRUNELLI Gilio
1996 “Do xamanismo aos xamãs: estratégias Tupi-Mondé frente à sociedade envolvente”, in Esther Jean Langdon (org.), *Xamanismo no Brasil. Novas perspectivas*, Editora da UFSC, Florianópolis, p. 233-266.
- COELHO DOS SANTOS Sílvio
2006 “A antropologia em Santa Catarina”, in Sílvio Coelho dos Santos (org.), *Memória da antropologia no sul do Brasil*, Editora da UFSC/ABA, Florianópolis, p. 15-77.
- DIEHL Eliana e Esther Jean LANGDON
2015 “Transformações na atenção à saúde indígena: tensões e negociações em um contexto indígena brasileiro”, *Universitas Humanística*, 80, p. 213-236.
2018 “Indigenous participation in primary care services in Brazil: Autonomy or bureaucratization”, *Regions and Cohesion*, 8 (1), p. 54-76.
- DOWNING Theodore e Esther Jean MATTESON
1965 *Squatters. A Form of Spontaneous Colonization in Costa Rica*, Associated Colleges of the Midwes, Chicago/San José.
- FOLLÉR Maj-Lis
2004 “Intermedialidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde”, in Esther Jean Langdon e Luisa Garnelo (orgs.), *Saúde dos povos indígenas. Reflexões sobre antropologia participativa*, Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro, p. 129-147.
- GORHAM Jeffrey Scott
2011 *Xamanismo e a fala ritual Yanomami. Performance, linguagem e força*, Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis.
- GREENE Sharon
1998 “The shaman’s needle: development, shamanic agency, and intermediality in Aguaruna Lands, Peru”, *American Ethnologist*, 25 (4), p. 634-658.
- GUTIÉRREZ ESTÉVEZ Manuel e Alexandre SURRALLÉS
2015 “Afectividad, cultura y sociedad en pueblos amerindios. Una breve introducción”, in Manuel Gutiérrez Estévez e Alexandre Surrallés (orgs.), *Retórica de los sentimientos. Etnografías amerindias*, Iberoamericana, Madrid/Vervuert, Frankfurt, p. 9-27.
- HARTMANN Luciana e Esther Jean LANGDON
2020 “Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil”, *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 91, p. 1-31.

JACOBS Melville

- 1959 *The Content and Style of an Oral Literature. Clackamas Chinook Myths And Tales*, University of Chicago Press, Chicago.

LANGDON Esther Jean

- 1968 *An Examination of Directed Change: Resettlement Schemes in Tanzania 1945-1966*, Dissertação, Mestrado em Antropologia, University of Washington, Seattle.
- 1974 *Siona Medical System: Beliefs and Behavior*, Tese de doutorado em Antropologia, Tulane University, New Orleans.
- 1985a “Mulheres na ideologia e na vida cotidiana dos Siona”, *Boletim de Ciências Sociais (USFC)*, 45, p. 20-31.
- 1985b “Os objetivos de uma universidade feminina e as percepções dos Professores”, *Perspectiva*, 3 (5), p. 72-97.
- 1988 “Saúde indígena: a lógica do processo de tratamento”, *Saúde em debate*, (Janeiro, edição especial “A saúde do índio”), p. 12-15.
- 1991 “When the tapir is an anaconda: women and power among the Siona”, *Journal of Latin American Indian Literatures*, 7 (1), p. 7-19.
- 1992 “DAU: Shamanic power in Siona religion and medicine”, in Esther Jean Langdon e Gerhard Baer (eds.), *Portals of Power. Shamanism in South America*, University of New Mexico Press, Albuquerque, p. 41-61.
- 1993 “O dito e o não dito: reflexões sobre narrativas que famílias de classe média não contam”, *Revista de Estudos Feministas*, 1 (1), p. 155-158.
- 1994 “Representações de doença e itinerário terapêutico entre os Siona da Amazônia Colombiana”, in Ricardo V. Santos e Carlos E. A. Coimbra (orgs.), *Saúde & Povos Indígenas*, Fiocruz, Rio de Janeiro, p. 115-141.
- 1995 “A morte e o corpo dos xamãs nas narrativas siona”, *Revista de Antropologia*, 38 (2), p. 107-149.
- 1996 “Performance e preocupações pós-modernas em antropologia”, in João Gabriel Teixeira e Rita Gusmão (orgs.), *Performáticos, performance & sociedade*, Editora UnB, Brasília, p. 23-28.
- 1999 “A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral”, *Horizontes Antropológicos*, 5 (12), p. 45-68.
- 2001 “A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença”, *Etnográfica*, 5 (2), p. 241-260.
- 2002 “A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia”, in Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo (orgs.), *O Uso Ritual da Ayahuasca*, Mercado de Letras, São Paulo, p. 67-91.
- 2004a “Shamanismo y sueños: subjetividad y representaciones de sí mismo en narrativas de sueños siona”, in Maria Susana Cipolletti (org.), *Los mundos de abajo y los mundos de arriba. Individuos y sociedad en las tierras bajas y los Andes. Homenaje a Gerhard Baer*, Abya-Yala, Quito, p. 25-50.
- 2004b “Uma avaliação crítica da atenção diferenciada e a colaboração entre antropologia e profissionais de saúde”, in Esther Jean Langdon e Luisa Gamelo (orgs.), *Saúde dos povos indígenas. Reflexões sobre antropologia participativa*, Contra Capa Livraria/ABA, Rio de Janeiro, p. 33-52.

LANGDON Esther Jean

- 2007a “Dialogicalidade, conflito e memória na etno-história dos Siona”, in Fernando Fischman e Luciana Hartmann (orgs.), *Donos da Palavra. Autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*, Editora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), p. 16-41.
- 2007b “Performance e sua diversidade como paradigma analítica: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs”, *Antropologia em Primeira Mão*, 94, p. 1-34.
- 2007c “Shamans and shamanisms: reflections on anthropological dilemmas of modernity”, *Vibrant*, 4, p. 26-48.
- 2007d “The symbolic efficacy of rituals: from ritual to performance”, *Antropologia em Primeira Mão*, 95, p. 1-39.
- 2009a “Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs”, *Ilha. Revista de Antropologia*, 8 (1-2), p. 162-183.
- 2009b “Xamãs e xamanismos: reflexões autobiográficas e intertextuais sobre a antropologia”, *Ilha. Revista de Antropologia*, 11 (1-2), p. 161-191.
- 2012 “Rito como conceito-chave para a compreensão de processos sociais”, in Esther Jean Langdon e Everton Pereira (orgs.), *Rituais e Performances. Iniciações em pesquisa de campo*, Imprensa universitária, Departamento de Antropologia, Florianópolis, p. 17-21.
- 2013a “Medio siglo de investigaciones de campo: reflexión autobiográfica sobre las contribuciones de la perspectiva de género”, *Maguaré*, 27 (1), p. 215-240.
- 2013b “A viagem à casa das onças: narrativas sobre experiências extraordinárias”, in Paulo Raposo, Vânia Zikán Cardoso, John Dawsey e Teresa Fradique (orgs.), *Terra do não lugar. Diálogos entre antropologia e performance*, Editora da UFSC, Florianópolis, p. 21-42.
- 2014 *La negociación de lo oculto. Chamanismo, medicina y familia entre los Siona del bajo Putumayo*, Editorial Universidad del Cauca, Popayán.
- 2016 “The revitalization of yajé shamanism among the Siona: strategies of survival in historical context”, *Anthropology of Consciousness*, 27 (2), p. 180-203.
- 2017 *Cosmopolitics among the Siona. Shamanism, Medicine and Family on the Putumayo River*, Editorial Universidad del Cauca, Popayán.
- 2018 “Mana e substâncias xamânicas: as reconfigurações de poder entre os Siona da Colômbia”, *Campos. Revista de Antropologia Social*, 19 (1), p. 113-136.
- 2020a “Configuraciones del chamanismo siona: modos de performance en los siglos XX y XXI”, *Maguare*, 34, p. 17-47.
- 2020b “Language documentation and revitalization among the Siona of the Putumayo, Colombia: the potential of digitization for the social life of ethnographic material”, *Journal de la Société des américanistes*, 106 (2), p. 120-150.
- LANGDON Esther Jean (org.)
- 1996 *Xamanismo no Brasil. Novas perspectivas*, Editora da UFSC, Florianópolis.
- LANGDON Esther Jean e Gerhard BAER (orgs.)
- 1992 *Portals of Power. Shamanism in South America*, University of New Mexico Press, Albuquerque.

- LANGDON Esther Jean e Marina D. CARDOSO (orgs.)
2015 *Saúde indígena. Políticas comparadas na América Latina*, Editora da UFSC, Florianópolis.
- LANGDON Esther Jean e Eliana DIEHL
2007 “Participação e autonomia nos espaços interculturais de Saúde Indígena: reflexões a partir do sul do Brasil”, *Saúde e Sociedade*, 16 (2), p. 19-36.
- LANGDON Esther Jean e Eliana DIEHL
2020 “Anthropological engagement and interdisciplinary research. The critical approach to indigenous health in Brazil”, in Jennie Gamlin, Sahra Gibbon, Paola M. Sesia e Lina Berrio (orgs.), *Critical Medical Anthropology. Perspectives in and from Latin America*, UCL Press, London, p. 19-41.
- LANGDON Esther Jean e Maj-Lis FOLLÉR
2012 “Anthropology of health in Brazil: a border discourse”, *Medical Anthropology Quarterly*, 31, p. 4-28.
- LANGDON Esther Jean, Maj-Lis FOLLÉR e Sônia MALUF
2012 “Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais”, *Anuário Antropológico*, 37 (1), p. 51-86.
- LANGDON Esther Jean e Luiza GARNELO (orgs.)
2004 *Saúde dos povos indígenas. Reflexões sobre antropologia participativa*, ABA/Contra Capa, Rio de Janeiro.
- LANGDON Esther Jean, Tom LAFFAY e Taita Pablo MANIGUAJE-YAIGUAJE
2021 “Substâncias e práticas xamânicas contemporâneas entre os Siona do Putumayo: a poética e a política de uma visão contemporânea”, *Revista Plató*, 5 (5), p. 29-52.
- LANGDON Esther Jean e Everton PEREIRA (orgs.)
2012 *Rituais e performance. Iniciações em pesquisa de campo*, Editora da UFSC, Florianópolis.
- LANGDON Esther Jean e Isabel Santana de ROSE
2012a “Contemporary Guarani shamanisms: Traditional medicine and discourses of native identity in Brazil”, *Health, Culture and Society*, 3 (1), p. 28-48.
2012b “(Neo)shamanic dialogues: Encounters between the Guarani and Ayahuasca”, *Nova Religio. The Journal of Alternative and Emergent Religions*, 15 (4), p. 36-59.
- LANGDON Thomas
1975 *Food restrictions in the medical system of the Barasana and Taiwano Indians of the Colombian Northwest Amazon*, Tese de doutorado em Antropologia, Tulane University, New Orleans.
- LANGDON Thomas e Esther Jean LANGDON
1968a “Crewport Labor Camp”, in Kerry Pataki (org.), *The Endless Cycle. Migrant Life in the Yakima Valley*, University of Washington, Seattle.
1968b *Citlattepec. A Star over the Hill*, Relatório final, México.
- RAPOSO Paulo, Vânia Zikán CARDOSO, John DAWSEY e Teresa FRADIQUE (orgs.)
2013 *A terra do não-lugar. Diálogos entre antropologia e performance*, Editora da UFSC, Florianópolis.

NEVES Rita de Cássia

2005 *Dramas e performance: o processo de reelaboração étnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos*, Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PELLEGRINI Marcos Antônio

2008 *Discursos dialógicos: intertextualidade e ação política na performance e autobiografia de um intérprete Yanomami no Conselho Distrital de Saúde*, Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SAHLINS Marshall

1997 “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção”, *Mana*, 3 (1-2), p. 41-73 e 103-150.

SEEGER Anthony, Roberto DAMATTA e Eduardo VIVEIROS DE CASTRO

1987 “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, *Boletim do Museu Nacional*, 32, p. 2-19.

WAGNER Roy

2010 [1975] *A invenção da cultura*, Cosac Naify, São Paulo.

ZEA Evelyn Schuler, John DAWSEY, Luciana HARTMANN, Paulo RAPOSO, Scott HEAD, Vânia Zikán CARDOSO e Viviane VEDANA

2023 “GESTOS da Jean: jeangando por um texto em processo, com muitas mãos, memórias, flechas e pegadas”, in Sônia Maluf, Eliana Diehl e Juana Valentina Nieto (orgs.), *Uma antropologia da práxis. Homenagem a Jean Langdon* [e-book], Editora da UFSC/IBP, Florianópolis, p. 456-491, https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/245230/Uma_antropologia_da_praxis-Ebook-20mar23.pdf?sequence=1&isAllowed=y, acessado em 01/07/23.